

## “MULHER”: O MAPA DE SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

Rafaela Kelsen Dias\*  
Adelaine LaGuardia\*\*

RESUMO: Este estudo debruça-se sobre a conceituação de “mulher” estabelecida nos contos da antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo. Pautando-se em postulados do debate feminista contemporâneo, entende-se as narrativas em questão como amálgama estratégico dos conceitos de diferença e identidade. Ao vislumbrar a incorporação de inúmeros eixos de subalternidade na antologia, investiga-se a forma com que a escrita evaristiana delinea a ideia de femininos coadunados, apesar de plurais.

Palavras-chave: Gênero. Raça. Narrativa. Conceição Evaristo.

### Introdução

Na atualidade, o discurso feminista se distingue por engendrar um duplo movimento de afastamento e aproximação em relação aos debates empreendidos em outros períodos de sua história. Observa-se hoje, à primeira vista, uma concreta reativação do conceito “mulher”, conforme postulado durante a Segunda Onda Feminista. Todavia, tal reativação não ocorrerá da forma totalizante como se fez outrora. Desde que a questão da diferença se tornou ordem do dia no âmbito das discussões feministas, “mulher”, ainda que tomado como conceito oportuno e lógico, não poderá ser o signo de uma experiência única e atemporal. Em contrapartida, o reconhecimento da alteridade, no processo de novas denotações do feminino, também coexistirá com a contraindicação à abstração extrema de gênero veiculada na Terceira Onda Feminista. Em meio a este intenso período de incertezas sobre a materialidade do sujeito e de argumentações sobre a sua fundação discursiva, constata-se atualmente a gradativa reconstituição do corpo como elemento basilar para a especulação, proposta e execução de políticas feministas.

Relegada a segundo plano pelo pensamento filosófico ocidental e por parte da teoria feminista (GROSZ, 1994), a corporeidade feminina, eminentemente delineada enquanto entidade exclusivamente biológica e natural, passa a ser defendida como categoria de análise útil e como elemento intimamente entrelaçado, e não mais oposto, aos domínios da mente no processo de instituição de subjetividades. O que se reclama é o reconhecimento do corpo, e da ideia de um corpo-mulher, na inscrição das relações de gênero, sem que isso implique, evidentemente, a regressão a uma perspectiva totalizante da condição feminina. Como argumenta Carol Bigwood em *Renaturalizing the body*:

Não precisamos desnaturalizar o gênero se entendermos a natureza como característica indeterminada, mas íntima de nossa condição encarnada. O gênero não é “ocasionado” por uma estrutura anatômica fixa e uma estrutura

---

\* Possui graduação em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas e em Língua Inglesa e suas Literaturas) pela Universidade Federal de São João del-Rei e mestrado em Letras também pela Universidade Federal de São João del-Rei. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora do Instituto Federal de Minas Gerais (Campus Ouro Preto-MG). E-mail: rafakelsen@gmail.com

\*\* Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1987), Mestrado em Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992) e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). Professora aposentada da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: adelaineufsj@gmail.com

biológica funcionalista dos nossos corpos sexuais. Apesar disso, ele [o gênero] é “motivado” por ambíguas estruturas naturais-culturais do corpo, e logo devemos afirmar uma certa continuidade na relação entre o gênero e o corpo (BIGWOOD, 1998, p. 109).<sup>1</sup>

Identifica-se, por meio desses discursos, a mesma tônica do conceito de mulher proposto no artigo seminal de Linda Nicholson (2000): o sujeito mulher passa, de fato, a ser visto enquanto “mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam” (p. 37). Enquanto mapa, obviamente, esse sujeito será compreendido como matéria, como corpo físico dotado de certas peculiaridades compartilhadas, as quais, em uma relação de diferença com o mapa outro (o masculino), constituirão a sua especificidade.

Por outro lado, a fim de ilustrar as vias de semelhança e diferença, as imbricações de identidade e alteridade que atravessam o sujeito mulher, o mapa deverá revelar-se também como corpo político e ideológico. Afinal, ao clamar pela ressurreição do sujeito e, especificamente do sujeito mulher, as vozes contemporâneas mencionadas acima não estão simplesmente a corroborar a crença no dualismo feminino/masculino (e de seus homólogos: natureza/cultura, mal/bem, sensibilidade/razão etc.), mas buscam desvelar as inúmeras e complexas relações de poder que, na atualidade, sustentam a velha dinâmica da diferença sexual.

Não fortuitamente escrita por uma autora de forte engajamento sociopolítico, a antologia de contos intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicada em 2011, de Conceição Evaristo, constitui-se como *corpus* em que os debates acima apontados se ilustram de maneira singular. Ao longo das treze narrativas que a compõem, percebe-se o contínuo desvelamento, bem como a encenação e constituição, de um corpo-mulher. Paralelamente, entrecortando as imagens, humores e texturas desse mesmo corpo, através das idiossincrasias socioculturais de cada uma de suas personagens, as histórias também delineiam as dores incutidas em “mulheres ‘reais’, ‘materiais’”<sup>2</sup> (HEKMAN, 1998, p. 69), em razão dos discursos totalizantes a elas impostos visando à manutenção de uma ancestral submissão da mulher. A partir da confluência entre a referida antologia e o debate feminista contemporâneo, analisamos a seguir os contos que a compõem e a partir do eixo da “experiência feminina” do corpo, buscamos inferir sobre uma possível concepção ou conceito de “mulher” inscrito nas narrativas.

## **Materializações do feminino: o corpo**

### **a) Corpos/Sujeitos**

Especialmente a partir da Idade Média, com a intensa propagação do cristianismo, o corpo da mulher transforma-se em alvo de inúmeras especulações e interdições. Sendo o sexo instituído como um dos prazeres venais e sendo o corpo feminino estipulado como a principal fonte desses prazeres nas sociedades patriarcais, a boa esposa, em oposição às mulheres perdidas, será definida pela capacidade de recalcar as suas pulsões eróticas e de oferecer a si própria como objeto exclusivo de subserviência e procriação. Já no século XIX, quando se lançam os disciplinadores véus vitorianos e se multiplicam as pesquisas médicas em torno dos papéis sexuais, da degenerência e das sexualidades periféricas, cria-se um verdadeiro “dispositivo da sexualidade”, a partir do qual a identidade, e particularmente as relações de gênero, instituem-se pelas vias do sexo (FOUCAULT, 1988). Assim, sendo a mulher dos

---

1 No original: We do not need to denaturalize gender if we understand nature as an indeterminate yet intimate characteristic of our incarnate situation. Gender is not ‘caused’ by a fixed anatomical and biological functionalist structure of our sexual bodies. Yet it is “motivated” by ambiguous, natural-cultural structures of the body, and thus we must affirm a certain continuity in the connection of gender to the body.

2 No original: “real”, “material” women.

oitocentos ainda delineada como território incógnito e perigoso, o seu corpo é uma vez mais doutrinado através do confinamento ao matrimônio e ao ambiente doméstico.

Conforme indica o texto de Evaristo, no âmbito da escrita literária, a contraposição a essa tradição disciplinar e misógina terá de dar-se a partir de uma representação-investigação aprofundada do corpo da mulher e dos imperativos biológico-culturais que sobre ela atuam. A essa não apenas aos princípios da ideologia androcêntrica mas também aos axiomas extremistas do feminismo radical, uma escrita comprometida com a problematização da subjetividade feminina, hoje, parece ancorar-se nos territórios em que o corpo não se constitui unicamente como parâmetro da diferença sexual, mas também se apresenta como instrumento a partir do qual se torna viável a concepção de uma experiência positiva para a mulher.

Notadamente, essa compreensão da mulher como possível unidade e não como falta perpassa diversos dos enredos presentes em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Envolve as narrativas uma íntima crença na plausibilidade da existência de um “corpo-mulher”. Mais do que isso, há nas histórias o contínuo louvor e respeito a esse corpo, a seus fluidos e contornos e, conseqüentemente, às condições e vivências, mesmo aquelas adversas, a ele vinculadas. Percebe-se nos contos, acima de tudo, a irradiação da ideia de uma coletividade que compartilha tanto aspectos biológicos (um corpo físico) como convicções ideológicas (um corpo político).

Já na narrativa que inaugura a antologia, intitulada “Aramides Florença”, evidencia-se a ideia acima descrita. A história, que tem como enredo os episódios de violência doméstica sofridos pela protagonista durante e após a gravidez, apresenta ao leitor uma interpretação contra hegemônica do corpo materno. Ao invés de representada como período de deformação feminina ou de extinção da sensualidade, a maternidade estimula a personagem central à autocontemplanção de seu corpo. Envaidecida, admira as formas assumidas na gravidez:

Estava ela no último mês de gestação, quando meio sonolenta, já de camisola, mas ainda de pé, narcisicamente se contemplava no espelho do banheiro. Estava inebriada com a mudança do próprio corpo. Tudo nela aumentara. O volume dos cabelos, a sobrelha e até uma pequena verruga debaixo do braço (EVARISTO, 2011b, p. 15).

De forma similar à gravidez, signos outros distintivos da “experiência feminina”, como a menstruação, serão continuamente acionados de forma emblemática nas narrativas. No conto “Maria do Rosário”, por exemplo, temos a apresentação das aflições de uma mulher raptada na infância e que apenas retorna a sua cidade natal 35 anos depois. Ainda que longe dos seus, ao menstruar pela primeira vez, a protagonista aprende na fala de uma *semelhante*, da estranha contratada para lhe ensinar as letras, a dimensão e a simbologia do sangue que lhe escorre entre as pernas. A partir dali, descobre Maria do Rosário, ela se tornava mulher.

Finalmente, esse mesmo prazer de autocontemplanção sólido em Aramides Florença e que se manifesta de forma difusa em Maria do Rosário, irá atingir o seu ápice nas passagens finais do conto “Mary Benedita”. Apresentada à magnitude da arte e do conhecimento após passar uma temporada com a tia, que vive de forma independente em uma grande cidade, a protagonista cresce expressando, por meio de sua arte maior, a pintura, o júbilo de entender-se mulher e, mais especificamente, de afirmar-se como mulher capaz de traçar seu próprio devir. A *avant-première* de Mary Benedita na pintura coincide com sua menarca e, no decorrer dos anos de prática profissional, ela descobrirá em seu corpo a fonte da tinta mais nobre. Em seu próprio sangue, em seu corpo e sangue-mulher, Benedita encontrará a nascente e razão de sua existência:

(...) há uma pintura que nasce de mim inteira, a tintura também. Pinto e tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer táctil imenso. Uso os dedos e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue. Do mais íntimo sangue, o menstrual. Colho de mim. Bordo com o meu sangue-útero a tela. (...) Veja esses quadros. E sua voz pareceu também sangrante. – São os meus melhores. São os mais de mim (EVARISTO, 2011b, p. 66-68).

## **b) Corpos objetos**

Na subseção anterior, argumentamos que a elaboração do corpo/sujeito feminino ao longo da antologia de Evaristo se dá essencialmente através do apelo a aspectos que impliquem uma comunhão física e política entre as mulheres. Contudo, ao percorrer as narrativas, constatamos que nelas o processo de composição identitária da mulher ocorre não somente por meio de uma perspectiva otimista de sua experiência. A concepção do sujeito feminino na referida obra envolve também a problematização dos percalços e opressões que, via de regra, tipificam o cotidiano das mulheres em sociedades patriarcais. Sob esse prisma, paradoxalmente, a condição de sujeito para a mulher será também atravessada por um constante processo de reificação.

*Insubmissas lágrimas* concederá, assim, especial destaque à representação das inúmeras violências dirigidas contra a mulher. Assim como seu íntimo biológico e ideológico, também aquilo que é externo a ela, os abusos físicos e psíquicos de que é objeto, serão, no contexto da antologia, indicados como aspectos frequentes e marcantes da experiência feminina. De forma geral, pode-se afirmar que as heroínas das treze histórias serão, ao menos em alguma oportunidade, submetidas à violência emocional. O dado mais significativo, no entanto, é aquele relativo à representação da violência corporal: em três das narrativas têm-se como temática central os ataques físicos sofridos pelas protagonistas por iniciativa de seus próprios companheiros.

O primeiro dos enredos a abordar o assunto é o do conto “Aramides Florença”. Após vivenciar um início de gravidez tranquilo, acompanhada por seu marido no entusiasmo e ansiedade pelo nascimento do bebê, a protagonista vê mudar a rota de sua relação conjugal quando, nos últimos meses de gestação, seu companheiro passa a agredi-la de forma sistemática e sempre por meio de investidas contra seu ventre, abrigo de Emildes, o filho nascituro:

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre. (...) O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a presença do objeto ali (EVARISTO, 2011b, p. 14-15).

O que fica patente através da postura do marido de Aramides é a manifestação de uma das causas mais comuns de atos de violência doméstica, conforme apontada pelos próprios agressores: “controle e posse da mulher, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos” (MACHADO, 2006, p. 14). O carrasco de Aramides, inominado, assim como a maioria dos personagens opressores da antologia (eminentemente homens), vislumbrará no filho e em todo o cuidado a ser demandado por ele, uma verdadeira ameaça à ligação emocional e física entre ele e a esposa. O homem aqui será de fato a personificação da sociedade patriarcal e de sua lógica sexista. A fim de sentir-se

senhor de Aramides, é preciso que seu homem a mutile, a violenta e destitua de seu corpo toda e qualquer aura de sacralidade conferida culturalmente pelo *status* de mãe.

Paralelamente, a objetificação do corpo feminino nesse conto virá acompanhada de uma atitude comum às mulheres vítimas de violência doméstica: a negação dos abusos sofridos, em virtude dos laços afetivos que as atrelam aos seus companheiros (MACHADO, 2006). Apesar de, ao final, Aramides rebelar-se contra a situação opressora e seguir emancipada ao lado do filho, os primeiros episódios de violência por ela sofridos são sucedidos pelo perdão e pelo autoconvencimento acerca da inocência do marido: “Tudo tinha sido atordoamento de alguém que experimentava pela primeira vez a sensação de paternidade. Com certeza, tudo tinha sido atrapalhação de marinheiro de primeira viagem...” (EVARISTO, 2011b, p. 16).

A mesma realidade manifesta-se no enredo de “Shirley Paixão”. Tendo acolhido as filhas de seu companheiro, Shirley reconhece, desde o início, a rispidez com que o marido trata especialmente a filha mais velha, Seni. Contudo, a protagonista apenas constata a gravidade da situação e a magnitude do despotismo de seu homem quando um dia, ao chegar a casa, testemunha Seni sendo violentada pelo próprio pai. Sendo também presenciada pelas outras meninas, a violência sofrida de forma concreta no corpo da filha mais velha manifesta-se como violência moral e emocional a todo corpo de mulheres que compõem aquele grupo familiar.

Novamente, a violação padecida, reflexo da hierarquia imposta através das relações de gênero, fará com que a figura dominante, o homem, o patriarca, seja metaforizada enquanto monstro. Seja em “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” ou “Lia Gabriel”, conto em que a protagonista, mãe três filhos, igualmente se vê vítima de violência doméstica, o nome do pai será também “o nome da má hora” (EVARISTO, 2011b, p. 86). Nesse último conto, aliás, a aversão à figura paterna irá atingir até mesmo o nível da patologia. Após presenciar espancamentos da mãe, o filho mais novo de Lia Gabriel irá, ao longo da vida, desenvolver ataques de esquizofrenia nos quais debate-se em uma luta contra um feroz inimigo que, conforme é desvendado mais adiante, remete à figura do próprio pai.

É relevante apontar que todos esses corpos femininos violados, representados na antologia de Evaristo, serão, antes de tudo, corpos disciplinados. Os abusos impostos a essas mulheres instituem-se por meio da universalização de um pensamento que converte em objetos de posse e doutrinação aquelas que escapam aos ideais estabelecidos pelos homens. Para além disso, visto que as narrativas caminham em direção ao agenciamento de suas protagonistas, é preciso também evidenciar como se dará o seu processo de resistência.

Ao valer-se de estudo sociológico sobre o corpo, assinado por Arthur Franck, Elódia Xavier irá destacar que “quando o corpo disciplinado sai de si mesmo para relacionar-se com outros assume uma atitude agressiva, valendo-se da força” (2007, p. 65). É exatamente esse ímpeto de agressividade a medida fundamental às heroínas evaristianas, que lhes permite escapar a situações de subalternidade e opressão.

Com o objetivo de contrapor-se à hegemonia sexista, faz-se necessário que a mulher se rebelde com energia proporcional à violência contra ela desferida<sup>3</sup>. Tomemos, como exemplo, a reação da personagem Shirley Paixão ao flagrar o marido no momento em que tenta estuprar a filha mais velha:

---

3 Como elucida Machado: “Culturalmente, a agressão física da mulher contra o homem só se faz em nome de uma ‘reação’, pois a agressão física feminina contra o homem não se articula simbolicamente com qualquer legitimidade disciplinar. É em relação aos filhos que a agressão física feminina se articula como gesto e ato disciplinar. A forma de legitimidade disciplinar da mulher em relação ao companheiro é a forma verbal, que se situa liminarmente entre a ‘queixa’ e o ‘ralhar’ disciplinar da função materna. Assim, quando se instaura a agressão física de mulheres contra seus companheiros, seus atos só ganham inteligibilidade cultural enquanto ‘reação à violência masculina’” (2006, p. 15).

Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. (...) Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! *Seria matar ou morrer*. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até o fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi o animal ruim caiu estatelado no chão (EVARISTO, 2011b, p. 30, grifo nosso).

O entendimento da opressão e da reificação como elementos comuns às mulheres não é feito nos contos apenas pela representação de agressões físicas. Da proibição de subir em árvores à “mocinha” Isaltina Campo Belo, às humilhações verbais dirigidas a Seni por seu próprio pai, passando pela relação senhor e servo estabelecida pelos maridos de Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel, constata-se também a problematização de inúmeros dispositivos psíquicos, morais e emocionais empregados a fim de promover a submissão feminina. Em outros termos, a definição do corpo mulher em *Insubmissas lágrimas de mulheres* institui-se também pela retratação da “violência simbólica” infligida sobre a mulher, ou seja, “uma violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2007, p. 7).

Assim sendo, as narrativas corroboram a noção de uma subjetividade compartilhada entre as mulheres, seja em virtude de uma estrutura biológica, de uma sensação de irmandade política e, especialmente, da condição de sujeitos subjugados. Ao prosseguir a análise do corpo-mulher ao longo dos contos, resta-nos questionar: a premissa de que há uma realidade comungada entre as filhas de Eva implica, necessariamente, o entendimento de que a sua experiência é também uníssona?

### c) **Corpos abjetos**

No renomado estudo intitulado *Powers of horror*, Julia Kristeva propõe que a abjeção será causada por aquilo que “perturba a identidade, o sistema e a ordem. Aquilo que não respeita fronteiras, posições e regras” (KRISTEVA, 1982, p. 4)<sup>4</sup>. Nesse sentido, abjetos, na concepção da estudiosa, serão aqueles indivíduos cujas “vidas são baseadas na *exclusão*” (KRISTEVA, 1982, p. 6)<sup>5</sup>. Abjeto será ainda “o ‘resto’, colocado para fora, que estabelece o *sujeito* e o *objeto*” (BONNICI, 2007, p. 17).

A mulher, e particularmente a mãe, por esse ângulo, será situada no *hall* dos indivíduos abjetos. Conforme elucida Thomas Bonnici:

A abjeção é coextensiva à ordem social e simbólica, com hierarquias tanto individuais como coletivas. Semelhante à interdição do incesto, a abjeção é um fenômeno universal que se encontra tão logo o simbólico ou o social e a dimensão humana é constituída em toda a civilização” (KRISTEVA, 1985, p. 83). Basta analisar os ritos judaicos no Antigo Testamento e a impureza ritual em povos primitivos para concluir que o impuro e a rejeição do impuro sempre se referem à mulher, objeto de interdições. É ela, portanto, o outro, o mal, o perigoso, o fascinante (BONNICI, 2007, p. 17).

---

4 No original: “(...) what disturbs identity, system, order. What does not respect borders, positions, rules.”

5 No original: Such lives are based on *exclusion*.

O primeiro aspecto a se abordar com relação à abjeção em *Insubmissas lágrimas de mulheres* é a recusa em se lançar um olhar de repulsa à mulher e aos signos que a caracterizam e diferenciam. Como abordado anteriormente, a temática da menstruação, que o senso comum relega ao status de abjeção, merecerá sempre uma perspectiva positiva e laudatória nas narrativas. Enquanto elemento singular da experiência feminina, o sangue menstrual será, na escrita de Evaristo, símbolo de uma possível irmandade entre as mulheres e, principalmente, emblema do poder relegado a elas. Aos seres a quem é permitido menstruar, é dada também a capacidade de procriar e de possibilitar o porvir da humanidade. Obviamente, esse olhar otimista em torno da menstruação irá desafiar parcela relevante da ideologia e da produção intelectual ocidental que, ainda hoje, encara o fluido menstrual como tabu ou como fonte e ícone das supostas ameaças e corrupções intrínsecas ao corpo feminino (BUCKLEY & GOTTLIEB, 1988).

Por outro lado, além desafiarem e se oporem a uma interpretação negativa do corpo feminino, as narrativas estudadas também reconhecem e introduzem a abjeção como experiência intrínseca ao cotidiano das mulheres. Verificamos até aqui que o movimento para a elaboração de uma noção de mulher em *Insubmissas lágrimas* se dá, basicamente, a partir do entendimento de que aquelas nascidas sob o signo do “sexo feminino” compartilharão, além de aspectos biológicos e ideológicos, uma série de opressões sociais. Todavia, as experiências corporais compartilhadas em momento algum faz pressupor a unicidade experiencial do corpo.

A constituição das personagens enquanto “mulheres” é continuamente tangida por inúmeros e singulares eixos de exclusão. Nomeadamente, a demarcação da diferença, na antologia intensamente envolta em apelos de unidade política, será firmada pela apresentação de vidas abjetas. Buscando duplamente incitar uma nova perspectiva sobre a identidade feminina e desafiar os pressupostos canônicos sobre o mesmo tópico, Evaristo irá apontar como mulheres, em outras condições abjetas além daquelas relacionadas ao seu pertencimento de gênero, pleiteiam o reconhecimento de seu lugar enquanto seres pertencentes à categoria mulher.

A primeira das narrativas em que se assinala a abjeção enquanto elemento constitutivo da experiência feminina será o conto “Natalina Soledad”. Tendo nascido mulher, única dentre seis irmãos homens, a caçula carrega em seu nome de batismo — Troçoieia Malvina Silveira — o ódio sustentado pelo pai em razão da concepção de uma filha mulher. Associando um ideal de masculinidade à capacidade de reproduzir patriarcas, o pai de Troçoieia (ou Silveirinha, como será apelidada), seguido do apoio de sua submissa esposa, irá ignorar e repelir a presença da filha desde a infância à vida adulta:

Como podia ser? — pensava ele. De sua rija vara só saía varão! Estaria falhando? Seria a idade? Não, não podia ser... Seu avô, pai de seu pai, mesmo com a idade avançada, na quinta mulher havia feito um menino homem. E todos os treze filhos do velho, nascidos dos casamentos anteriores, tinham nascido meninos homens. (...) E ele, o neto mais velho, que tanto queria retomar a façanha do avô, vê agora um troço menina, que vinha ser sua filha. Traição de seu corpo? Ou, quem sabe, do corpo de sua mulher? (EVARISTO, 2011b, p. 20).

Enredada por essa atmosfera hostil, a pequena Troçoieia terá que, desde cedo, traçar sozinha os trilhos de sua existência. Nutrindo em si um grande repúdio pelos pais, a menina abriga-se na solidão por eles imposta e estabelece como propósito único de sua vida a concepção de outro nome para si. Somente após os trinta anos e de muito sofrer e

compreender a opressão e ódio engendrados pelo seu nome próprio, a heroína irá finalmente autonomar-se. Metáfora das mulheres, seres concebidos também discursivamente através da carga ideológica intrincada ao substantivo que lhes denomina, Troçoieira ruma “ao cartório para se despir do nome e da condição antiga” (EVARISTO, 2011b, p. 24), convertendo-se então em Natalina Soledad.

Significativamente, a abjeção, tomada como ponto de convergência feminina em “Natalina Soledad”, será em outros contos delineada como mecanismo a estatuir uma compreensão multifacetada de “mulher”. Em “Adelha Santana Limoeiro”, por exemplo, o corpo feminino é, mais uma vez, estigmatizado pelo viés da sexualidade. Entretanto, sendo a protagonista uma mulher idosa, as interdições ao seu direito ao prazer sexual não percorrerão o mesmo caminho das objeções voltadas à mulher jovem e fértil.

Ciente do passar dos anos, Adelha mantém aceso em si o desejo pelo seu companheiro e persiste em esperar “o pouso dele sobre [ela], como o descanso de uma ave cansada, que reconhece o aconchego de seu velho ninho” (EVARISTO, 2011b, p. 35). Em um desses dias de entrega, no entanto, a protagonista vê seu esposo desalentar-se ao constatar a própria incapacidade de consumir o ato sexual. Ciente da desgraça que o ocorrido simboliza para seu homem, criado para creditar ao pênis o significado maior de sua existência, Adelha Santana se culpa pela impotência do marido, incentivando-o, assim, a recuperar em corpos mais jovens a libido que em sua velha carne parecia amortecida.

Apesar de perder, aos olhos da sociedade, “a justificação de sua existência”, junto à perda de sua fecundidade (BEAUVOIR, 1967, p. 343), a protagonista encontrará na abjeção a ela imposta um espaço para viver dignamente. Ao contrário do marido, que morre na casa de uma das suas jovens amantes, adotando como gesto último a elevação das mãos ao seu órgão desfalecido, Adelha Santana decide “viver a grandeza de [sua] velhice” (EVARISTO, 2011b, p. 36), sem sustentar o desejo ou a ilusão do retorno de um vigor que não mais pertence ao seu corpo.

Do mesmo modo, a antologia ainda apresentará outra vivência de abjeção (a homossexualidade), que, por sua vez, também reivindicará uma perspectiva caleidoscópica em torno do *feminino*. A temática é problematizada através do conto “Isaltina Campo Belo”, no qual a protagonista, da infância à vida adulta, vive o dilema de assumir a sua orientação sexual e, ao mesmo tempo, incorporar os elementos constitutivos do padrão feminino.

Desde o início do conto, somos introduzidos a uma perspectiva performativa e discursiva de gênero, conforme irá propô-lo Judith Butler, influenciada pela teoria dos atos de fala performativos de John Langshaw Austin. Para Butler (2003), as noções de feminino e masculino serão continuamente concebidas pela própria linguagem empregada em sua definição. A linguagem, sob essa concepção performativa, fabrica a realidade, na mesma medida em que a nomeia.

Em nítida convergência com essa perspectiva butleriana, a narrativa nos apresenta uma Isaltina, já na infância e adolescência, a sentir em si a inadequação das amarras do gênero em seu corpo e a questionar os olhares externos que a definem como mulher. Embora reconheça em si os sinais distintivos da corporeidade feminina (a menstruação, a capacidade de gerar filhos), seu desejo escuso pelos afagos de suas semelhantes faz com que vislumbre, dentro de si, a existência de um menino.

Já adulta, pressionada por parâmetros sexistas e heterossexuais, a protagonista irá iniciar um relacionamento com um dos colegas de faculdade. Confessando a ele o desejo que sentia por aquelas de seu mesmo sexo, o namorado a assegura: ele tinha a capacidade de torná-la mulher. Eis que então, em uma festa de aniversário, o rapaz, junto a outros cinco homens, inflige no corpo de Isaltina o ato que entende como primordial para a instauração da identidade feminina: a penetração pelo pênis. Do estupro, nasce a filha Walquíria e, junto a ela, o aprofundamento da incerteza acerca de seu próprio pertencimento à categoria mulher.

No entanto, na primeira reunião de jardim de infância de sua filha, dissipa-se a dúvida de Isaltina. Reunida em uma sala com mães de diferentes vivências e identidades, associadas por um objetivo comum (o cuidado e desenvolvimento de seus filhos), Isaltina encontra, no olhar persistente da professora que coordena o encontro, o desejo que há muito havia soterrado. A protagonista compreende então que a sua identificação enquanto mulher não precisaria passar pelo crivo da heterossexualidade ou dos paradigmas de “feminilidade”. Ela poderia, sim, sentir-se pertencente ao sexo feminino, ainda que seu corpo homossexual fosse continuamente repellido e ignorado pelas normas e práticas sociais hegemônicas:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu poderia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. *E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam.* (EVARISTO, 2011b, p. 57-58, grifo nosso).

### **Considerações Finais**

Os contos aqui analisados apontam para a confluência singular entre o debate feminista contemporâneo e a antologia de Evaristo. Embora insista na comunhão de um corpo físico e político entre as mulheres, ao abordar a experiência de corpos abjetos, entende-se que Evaristo permite também um olhar sobre a diversidade intrínseca às relações de gênero. O corpo-mulher, na obra analisada, consistirá então de fato em um “mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam” (NICHOLSON, 2000, p. 37).

Nesse sentido, sob a pena autoral de Conceição Evaristo, a diferença não é um obstáculo para a identidade. No contexto de sua escrita, a identidade da mulher funda-se justamente por meio de suas relações de alteridade. Da alteridade identificada por Evaristo não se forma a cisão no interior do mesmo sexo, mas cria-se a urgência de práticas de solidariedade. As diferenças entre as mulheres são inúmeras e também incontáveis são as lutas por elas compartilhadas. A diferença não inibirá a unidade das protagonistas de *Insubmissas* com as outras personagens mulheres, com a narradora que reconta as histórias, com a autora que as concebe e nem mesmo com aquelas que as recriam no vivo ato da leitura. Assim, sob o olhar de todas as narrativas analisadas ao longo deste artigo, pode-se esboçar uma possível compreensão da categoria mulher, conforme pensada por Conceição Evaristo: a identidade emerge da diferença e é a partir da diferença que se inaugura a unidade entre aquelas que, sob a égide da natureza e da cultura, foram designadas mulheres.

### **“WOMAN”: THE MAP OF SIMILARITIES AND DIFERENCES IN *INSUBMISSAS* *LÁGRIMAS DE MULHERES***

Abstract: This paper analyzes the concept of “woman” established in the short stories contained in the anthology titled *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), by Conceição Evaristo. Based on the assumptions made by the recent feminist debate, this article shows the narratives in question as a strategic conceptual amalgam of difference and identity. As we identify the incorporation of a number of subalternity axis in the anthology we investigate how Evaristo’s writing outlines the idea of a female unity in spite of its plurality.

Keywords: Gender. Race. Narrative. Conceição Evaristo.

### **Referências**

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.

BIGWOOD, Carol. Renaturalizing the body (with the help of Merleau-Ponty). In: WELTON, Donn (org.). *Body and the flesh: a philosophical reader*. Malden/Oxford: Blackwell, 1998. p. 99-114.

BONNICI, T. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUCKLEY, Thomas; GOTTLIEB, Alma. *Blood magic: the anthropology of menstruation*. Berkeley, Los Angeles: University of California, 1988.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HEKMAN, Susan. Material bodies. In: WELTON, Donn. (org.). *Body and the flesh: a philosophical reader*. Malden/Oxford: Blackwell, 1998. p. 61-70.

MACHADO, Lia Zanotta. Violência doméstica contra as mulheres no Brasil: avanços e desafios ao seu combate. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Cartilha violência doméstica: protegendo as mulheres da violência doméstica*. Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos. 2006. p. 14-18.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

**Data de submissão: 30/06/2019**

**Data de aceite: 21/09/2019**